

## **Análise do caso Dodi Leal: primeira professora transsexual da Escola De Comunicações e Artes da Universidade De São Paulo**

Gabriel Braz Lima

Isabelle Yumi Marquez Sadashima

*Comentário:* O artigo tem, intrinsecamente, um ponto complicado: não formula um problema que a pesquisa busque elucidar. É praticamente só nas conclusões, quando se afirma que “este artigo buscou discutir a representatividade trans no mercado de trabalho e principalmente na academia, na empregabilidade de docentes transsexuais” (p. 14) que o leitor apreende melhor o objetivo do estudo. Mesmo assim, as discussões, válidas e interessantes, da problematização não confluíram para a construção do problema, em termos da pergunta-chave, que a pesquisa responda. Além disso, alguém pode indagar: o que há de comunicação nesse estudo? O fato de que Dodi tenha ministrado disciplina na aula na ECA? Sinceramente, do jeito que isso foi explorado, penso que é pouco para dar aderência comunicacional ao artigo.

Lendo o trabalho atual, porém, há uma pista interessante para reelaborar o material e lhe dar forma mais robusta de artigo de comunicação: quando se comenta que houve inúmeros artigos de imprensa que abordaram o caso da “primeira docente transsexual”. Seria possível montar um corpus com esse material – fala-se em “massiva disseminação de notícias nos meios de comunicação” (p. 12) – e estudá-lo, em conjunto com os dados da entrevista, para sondar se aquilo que é falado no estudo – em termos da Universidade ter “surfado” na onda da diversidade – realmente foi a tônica, e se sim de que forma? Isso é um ponto interessante que, a partir de certa reflexão, podia se articular a alguma dimensão teórica do estudo, reforçando o aspecto comunicacional do trabalho (por exemplo, a questão da “representação” dos grupos minorizados ou se houve a feitura de uma espécie de estratégia de RP, mais ancorada na imagem do que na realidade, pela Universidade).

É preciso tomar cuidado com o tom muito adjetivado do trabalho, que a produção científica deve evitar (ainda quando se assume um paradigma de construção do conhecimento mais transformador, como é o caso): não sei, por exemplo, se eu usaria o termo “revolucionário” para falar da experiência dela na Universidade, talvez optando por algo mais descritivo como “inclusivo”, “aberto à diversidade”. Ao mesmo tempo, seria recomendável falar certas coisas – por exemplo, quando se diz “A partir desse relato fica nítida a falta de responsabilidade e compaixão por parte da Universidade para com a Dodi” – mais em termos da **percepção** da entrevistada do que na “realidade”. O real é complexo, e para dizer que não houve “acolhimento” seria necessário ouvir também o outro lado (a chefia do departamento, os órgãos ligados à contratação temporária dela etc.).

Enfim, tivemos no trabalho um exercício de pesquisa com pontos positivos, como o engajamento dos autores e a questão de um aspecto da realidade que merece estudos (embora com a ressalva que, em termos de comunicação, isso poderia ser aprofundado). Houve também fragilidades como as que aponte aqui, sem demérito aos autores, mas como contribuir para aperfeiçoamentos futuros.

Nota: 7,0